

A CICATRIZ DE ULISSES: O CLÁSSICO E O SAGRADO NA REPRESENTAÇÃO MIMÉTICA

ULYSSES' SCAR: THE CLASSICAL AND THE SACRED IN MIMETIC REPRESENTATION

LA CICATRIZ DE ULISES: LO CLÁSICO Y LO SAGRADO EN LA REPRESENTACIÓN MIMÉTICA



10.56238/sevened2026.001-047

Mônica Lopes

Doutoranda do curso de Pós-graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras
Instituição: Universidade Federal da Bahia
E-mail: mendesjesuss869@gmail.com

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre os modos de representação da realidade na literatura ocidental, a partir da leitura do ensaio A cicatriz de Ulisses, de Erich Auerbach, integrante da obra Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental(1946) Por meio da análise comparativa entre um fragmento da Odisseia, de Homero, e o episódio bíblico do sacrifício de Isaac, o estudo investiga duas formas distintas de construção narrativa: a clareza épica grega e a profundidade enigmática da tradição judaico-cristã. Busca-se compreender como essas matrizes estéticas configuram diferentes concepções de sujeito, tempo, memória e verdade, contribuindo para a formação da tradição literária europeia e para a compreensão da literatura como espaço de elaboração simbólica da experiência humana.

Palavras-chave: Mimesis. Representação. Literatura Clássica. Bíblia. Erich Auerbach.

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the modes of representation of reality in Western literature, based on a reading of the essay "The Scar of Ulysses," by Erich Auerbach, part of the work Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature (1946). Through a comparative analysis between a fragment of Homer's Odyssey and the biblical episode of the sacrifice of Isaac, the study investigates two distinct forms of narrative construction: the epic clarity of the Greeks and the enigmatic depth of the Judeo-Christian tradition. It seeks to understand how these aesthetic matrices configure different conceptions of subject, time, memory, and truth, contributing to the formation of the European literary tradition and to the understanding of literature as a space for the symbolic elaboration of human experience.

Keywords: Mimesis. Representation. Classical Literature. Bible. Erich Auerbach.

RESUMEN

Este trabajo propone una reflexión sobre los modos de representación de la realidad en la literatura occidental, a partir de la lectura del ensayo "La Cicatriz de Ulises" de Erich Auerbach, parte de la obra *Mimesis: La Representación de la Realidad en la Literatura Occidental* (1946). Mediante un análisis comparativo entre un fragmento de la *Odisea* de Homero y el episodio bíblico del sacrificio de Isaac, el estudio investiga dos formas distintas de construcción narrativa: la claridad épica de los griegos y la profundidad enigmática de la tradición judeocristiana. Busca comprender cómo estas matrices estéticas configuran diferentes concepciones del sujeto, el tiempo, la memoria y la verdad, contribuyendo a la formación de la tradición literaria europea y a la comprensión de la literatura como espacio para la elaboración simbólica de la experiencia humana.

Palabras clave: Mimesis. Representación. Literatura Clásica. Biblia. Erich Auerbach.

1 INTRODUÇÃO

Em 1946, é publicada na Alemanha a obra *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, do filólogo judeu-alemão Erich Auerbach, um dos nomes mais importantes da crítica literária do século XX. Composta por vinte ensaios, a obra propõe um amplo percurso pela literatura ocidental, desde a Antiguidade até a modernidade, investigando os diferentes modos pelos quais a experiência humana foi representada ao longo do tempo.

Auerbach escreve *Mimesis* em um contexto histórico particularmente adverso. Exilado em Istambul durante o regime nazista, afastado dos grandes centros intelectuais europeus e privado de bibliotecas especializadas, o autor desenvolve sua reflexão em condições materiais precárias. Paradoxalmente, é nesse cenário de instabilidade política e cultural que surge uma das obras mais influentes da crítica literária moderna. O exílio, longe de constituir apenas um dado biográfico, torna-se elemento constitutivo de seu pensamento, permitindo-lhe observar a tradição ocidental a partir de uma perspectiva distanciada e, ao mesmo tempo, profundamente comprometida com a defesa da cultura humanista.

Nesse sentido, *Mimesis* não se configura apenas como um estudo de história literária, mas como um testemunho intelectual produzido sob a pressão da barbárie do século XX. A análise das formas narrativas do passado revela-se, também, uma maneira de preservar e reafirmar valores ligados à dignidade humana, à complexidade da experiência e à pluralidade cultural.

O primeiro ensaio da coletânea, intitulado *A cicatriz de Ulisses*, constitui o ponto de partida do percurso proposto por Auerbach. Nele, o autor estabelece as bases metodológicas e conceituais de sua investigação, ao comparar dois textos fundadores da cultura ocidental: um fragmento da *Odisseia*, de Homero, e o episódio do sacrifício de Isaac, presente no Velho Testamento. A partir desse confronto, Auerbach analisa dois modos distintos de representar a realidade, vinculados, respectivamente, às tradições grega e judaico-cristã.

O episódio homérico selecionado descreve o retorno de Ulisses à ilha de Ítaca e o momento em que ele é reconhecido por sua antiga ama, Euricléia, por meio de uma cicatriz na coxa. Já o texto bíblico narra a prova imposta por Deus a Abraão, ao exigir o sacrifício de seu filho Isaac. Embora ambos pertençam a tradições épicas e possuam forte valor simbólico, apresentam concepções radicalmente distintas de mundo, de sujeito e de verdade.

Ao estabelecer esse diálogo, Auerbach demonstra que a literatura não é mero reflexo da realidade, mas uma forma histórica de construção simbólica da experiência humana. Cada narrativa, ao organizar tempo, espaço, personagens e ações, expressa modos específicos de compreender a existência. Desse modo, o ensaio inaugura uma reflexão que ultrapassa os limites da filologia, alcançando questões estéticas, filosóficas e culturais.

Neste trabalho, busca-se acompanhar e aprofundar a leitura proposta por Auerbach, examinando os fundamentos estéticos e simbólicos da representação homérica e bíblica. Pretende-se, assim, compreender como a clareza narrativa da epopeia grega e a densidade enigmática do texto sagrado contribuíram para a formação da tradição literária ocidental, configurando diferentes formas de subjetividade, memória e relação com o real.

2 ULISSES, A CICATRIZ E A CLAREZA DA NARRATIVA HOMÉRICA

O ponto de partida da análise de Auerbach em *A cicatriz de Ulisses* é o episódio do reconhecimento do herói por sua ama, Euricléia, durante o ritual do lava-pés. Disfarçado de mendigo, Ulisses retorna ao palácio de Ítaca após vinte anos de ausência, período marcado por guerras, viagens e provações. É nesse contexto de tensão latente que se inscreve a cena aparentemente cotidiana, na qual a governanta, ao tocar a perna do hóspede, identifica a antiga cicatriz.

Segundo Auerbach, esse momento concentra, de forma exemplar, as características fundamentais da narrativa homérica. A revelação da identidade do herói não se dá por meio de uma confissão verbal, mas através de uma marca corporal, que funciona como testemunho material do passado. A cicatriz torna-se, assim, um signo de reconhecimento, articulando memória, experiência e identidade.

O trecho analisado por Auerbach descreve minuciosamente a reação de Euricléia ao reconhecer Ulisses:

“Logo que a anciã apalpa a cicatriz, ela deixa cair o pé na bacia, com alegre sobressalto: a água transborda; ela quer prorromper em júbilo; com silenciosas palavras de lisonja e de ameaça Ulisses a contém; ela cobra ânimo e oprime o seu movimento” (AUERBACH, 1998, p. 1).

A cena é construída por meio de uma sequência de ações claramente delimitadas, sem lacunas ou ambiguidades. Cada gesto, cada emoção e cada movimento são apresentados ao leitor de forma explícita, contribuindo para a transparência narrativa que caracteriza a epopeia homérica. Não há espaço para dúvidas quanto às motivações das personagens ou quanto ao sentido dos acontecimentos.

A emoção de Euricléia, ao reencontrar o antigo amo, é imediatamente contida pela intervenção de Ulisses. O herói impede que sua identidade seja revelada prematuramente, pois sabe que ainda não chegou o momento de enfrentar os pretendentes de Penélope. Nesse gesto, manifesta-se o traço fundamental de sua personalidade: a capacidade de controlar impulsos, calcular consequências e agir estrategicamente.

Ulisses encarna, assim, uma figura de equilíbrio entre razão e emoção, coragem e prudência, impulso e reflexão. Sua trajetória é marcada não apenas pela força física, mas sobretudo pela inteligência e pela astúcia, qualidades que lhe permitem sobreviver às adversidades e retornar ao

espaço de origem. A cicatriz, nesse sentido, não é apenas vestígio de uma aventura juvenil, mas síntese corporal de sua história.

Além de Euricléia, outras personagens participam desse processo de reconhecimento silencioso. Telêmaco, seu filho, é o primeiro a identificá-lo e a compartilhar do segredo. Penélope, por sua vez, resiste ao assédio dos pretendentes por meio da estratégia do tear, tecendo durante o dia e desfazendo à noite o trabalho realizado. Essas atitudes refletem, em diferentes níveis, a mesma lógica de prudência, paciência e domínio de si que caracteriza Ulisses.

A família e os aliados do herói parecem, assim, partilhar de uma ética comum, fundada na espera, na resistência e na inteligência prática. O retorno de Ulisses não é apenas um acontecimento individual, mas um projeto coletivo, sustentado por vínculos afetivos e por uma rede de cumplicidades silenciosas.

Do ponto de vista formal, Homero constrói essa narrativa por meio de uma linguagem fluente, direta e detalhada. O narrador não oculta informações nem cultiva zonas de indeterminação. Ao contrário, esforça-se constantemente para tornar visível tudo o que é narrado, situando ações, espaços e personagens com precisão.

Auerbach observa que, na epopeia homérica, o elemento da tensão é relativamente frágil, pois a narrativa não se organiza para provocar suspense prolongado no leitor. Como afirma o autor: “O elemento da tensão é muito débil nas poesias homéricas; elas não se destinam, em todo seu estilo, a suspender a respiração do leitor, ou ouvinte” (AUERBACH, 1998, p. 2).

Em lugar da tensão dramática, predomina o prazer da narração contínua, marcada por um movimento de avanço e recuo, no qual episódios do passado são constantemente retomados e integrados ao presente da ação. Esse procedimento, que Auerbach denomina “estória cinegética”, contribui para a construção de um universo narrativo coeso e plenamente iluminado.

A cicatriz, ao provocar a interrupção da cena do lava-pés, desencadeia uma longa digressão que reconstrói a juventude de Ulisses e o episódio da caça ao javali. O leitor é conduzido a um extenso retorno ao passado, no qual são narrados o nascimento do herói, sua formação e as circunstâncias do ferimento. Trata-se de um verdadeiro “flashback” épico, no qual o tempo narrativo se reorganiza sem romper a continuidade da experiência.

Esse movimento de interpolação não gera rupturas ou lacunas; o passado é incorporado ao presente como se ambos coexistissem em um mesmo plano. Tudo é narrado sob uma luz uniforme, sem zonas de sombra, sem mistério e sem profundidade psicológica não explicitada. O que se conta é sempre plenamente presente à consciência do leitor.

Somente após essa longa digressão a narrativa retorna ao aposento de Penélope, retomando exatamente o ponto em que havia sido interrompida: o momento em que Euricléia deixa cair o pé de

Ulisses na bacia. Esse retorno reforça a sensação de continuidade e de domínio absoluto do narrador sobre o material narrativo.

Ao analisar a estrutura narrativa da Odisseia, Auerbach dedica especial atenção ao modo como Homero organiza o tempo e o ritmo do relato. Um dos aspectos centrais dessa organização é aquilo que Goethe e Schiller denominaram de “elemento retardador”, isto é, o procedimento pelo qual a narrativa suspende momentaneamente o avanço da ação principal para inserir descrições, digressões e episódios secundários.

Esse movimento de avanço e recuo, longe de constituir uma falha estrutural, revela-se como um princípio organizador da epopeia homérica. A interrupção da cena do lava-pés, por exemplo, para narrar a juventude de Ulisses e o episódio da caça ao javali, ilustra com clareza esse procedimento. A ação principal é suspensa, mas não perde sua força, pois o desvio narrativo contribui para enriquecer a compreensão do herói e de sua trajetória.

Segundo Goethe e Schiller, esse efeito retardador seria característico do gênero épico, distinguindo-o das formas dramáticas, mais voltadas para a concentração da ação e para a intensificação da tensão. Para esses autores, a epopeia se constrói a partir de um ritmo dilatado, no qual a narrativa se permite percorrer caminhos paralelos, sem a necessidade de conduzir rapidamente o leitor a um desfecho.

Auerbach retoma essa formulação, reconhecendo sua pertinência para a compreensão da poesia homérica, mas sem aderir integralmente a ela. Embora admita que a epopeia privilegia a continuidade e a expansão narrativa, o filólogo questiona a generalização segundo a qual todo texto épico se afastaria da tensão dramática. Tal perspectiva tende a homogeneizar obras e tradições distintas, desconsiderando suas especificidades históricas e estéticas.

Nesse sentido, a análise de Auerbach permite relativizar a leitura proposta por Goethe e Schiller. Ao longo da tradição literária, encontram-se poemas épicos que articulam, de modo intenso, elementos de tensão, conflito e tragédia. O próprio desenvolvimento do gênero demonstra que a epopeia não constitui uma forma fixa, mas um campo de experimentação narrativa.

Um exemplo significativo, nesse contexto, é o poema *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, no qual episódios marcados por forte carga dramática e trágica coexistem com a grandiosidade épica. A narrativa da morte de Inês de Castro, por exemplo, introduz uma dimensão de sofrimento e violência que rompe com a serenidade característica do modelo homérico. Esse episódio revela que a tradição épica pode incorporar elementos de dramaticidade sem perder sua identidade formal.

A referência a Camões permite ampliar a reflexão de Auerbach, evidenciando que a influência da Antiguidade clássica não implica mera repetição de modelos. Ao contrário, cada contexto histórico reelabora as formas herdadas, adaptando-as a novas sensibilidades, valores e conflitos.

No caso de Homero, o elemento retardador contribui para a construção de uma temporalidade peculiar. O tempo narrativo não se organiza de modo linear ou progressivo, mas se expande por meio de constantes retornos ao passado. A memória desempenha, assim, papel fundamental na estrutura da narrativa, funcionando como eixo de articulação entre diferentes momentos da experiência.

O passado não é apresentado como algo distante ou definitivamente encerrado, mas como parte integrante do presente da ação. As lembranças de Ulisses, suas aventuras e provações são continuamente reatualizadas, integrando-se ao fluxo narrativo. Essa fusão entre tempos reforça a sensação de totalidade e completude que caracteriza a epopeia homérica.

Além disso, a ausência de zonas de sombra psicológica contribui para a clareza temporal. Os sentimentos, motivações e intenções das personagens são sempre explicitados, eliminando ambiguidades interpretativas. O leitor acompanha a narrativa como quem percorre um espaço plenamente iluminado, no qual nada permanece oculto.

Essa organização temporal e narrativa reforça a concepção homérica de realidade como algo plenamente acessível à representação. O mundo apresentado na Odisseia é um mundo ordenado, inteligível e narrável, no qual os acontecimentos se encadeiam de forma compreensível. A epopeia oferece, assim, uma visão de mundo baseada na confiança na razão, na memória e na linguagem como instrumentos de apreensão da experiência.

Essa concepção prepara o terreno para o contraste com o texto bíblico, no qual o tempo, o espaço e a interioridade são organizados segundo princípios radicalmente distintos. Enquanto em Homero predomina a expansão narrativa e a clareza descritiva, na tradição judaico-cristã impõe-se a concentração, a lacuna e o silêncio. É a partir dessa diferença estrutural que Auerbach desenvolverá sua análise comparativa.

Ao analisar a estrutura narrativa da Odisseia, Auerbach dedica especial atenção ao modo como Homero organiza o tempo e o ritmo do relato. Um dos aspectos centrais dessa organização é aquilo que Goethe e Schiller denominaram de “elemento retardador”, isto é, o procedimento pelo qual a narrativa suspende momentaneamente o avanço da ação principal para inserir descrições, digressões e episódios secundários.

Esse movimento de avanço e recuo, longe de constituir uma falha estrutural, revela-se como um princípio organizador da epopeia homérica. A interrupção da cena do lava-pés, por exemplo, para narrar a juventude de Ulisses e o episódio da caça ao javali, ilustra com clareza esse procedimento. A ação principal é suspensa, mas não perde sua força, pois o desvio narrativo contribui para enriquecer a compreensão do herói e de sua trajetória.

Segundo Goethe e Schiller, esse efeito retardador seria característico do gênero épico, distinguindo-o das formas dramáticas, mais voltadas para a concentração da ação e para a intensificação da tensão. Para esses autores, a epopeia se constrói a partir de um ritmo dilatado, no

qual a narrativa se permite percorrer caminhos paralelos, sem a necessidade de conduzir rapidamente o leitor a um desfecho.

Auerbach retoma essa formulação, reconhecendo sua pertinência para a compreensão da poesia homérica, mas sem aderir integralmente a ela. Embora admita que a epopeia privilegia a continuidade e a expansão narrativa, o filólogo questiona a generalização segundo a qual todo texto épico se afastaria da tensão dramática. Tal perspectiva tende a homogeneizar obras e tradições distintas, desconsiderando suas especificidades históricas e estéticas.

Nesse sentido, a análise de Auerbach permite relativizar a leitura proposta por Goethe e Schiller. Ao longo da tradição literária, encontram-se poemas épicos que articulam, de modo intenso, elementos de tensão, conflito e tragédia. O próprio desenvolvimento do gênero demonstra que a epopeia não constitui uma forma fixa, mas um campo de experimentação narrativa.

Um exemplo significativo, nesse contexto, é o poema *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, no qual episódios marcados por forte carga dramática e trágica coexistem com a grandiosidade épica. A narrativa da morte de Inês de Castro, por exemplo, introduz uma dimensão de sofrimento e violência que rompe com a serenidade característica do modelo homérico. Esse episódio revela que a tradição épica pode incorporar elementos de dramaticidade sem perder sua identidade formal.

A referência a Camões permite ampliar a reflexão de Auerbach, evidenciando que a influência da Antiguidade clássica não implica mera repetição de modelos. Ao contrário, cada contexto histórico reelabora as formas herdadas, adaptando-as a novas sensibilidades, valores e conflitos.

No caso de Homero, o elemento retardador contribui para a construção de uma temporalidade peculiar. O tempo narrativo não se organiza de modo linear ou progressivo, mas se expande por meio de constantes retornos ao passado. A memória desempenha, assim, papel fundamental na estrutura da narrativa, funcionando como eixo de articulação entre diferentes momentos da experiência.

O passado não é apresentado como algo distante ou definitivamente encerrado, mas como parte integrante do presente da ação. As lembranças de Ulisses, suas aventuras e provações são continuamente reatualizadas, integrando-se ao fluxo narrativo. Essa fusão entre tempos reforça a sensação de totalidade e completude que caracteriza a epopeia homérica.

Além disso, a ausência de zonas de sombra psicológica contribui para a clareza temporal. Os sentimentos, motivações e intenções das personagens são sempre explicitados, eliminando ambiguidades interpretativas. O leitor acompanha a narrativa como quem percorre um espaço plenamente iluminado, no qual nada permanece oculto.

Essa organização temporal e narrativa reforça a concepção homérica de realidade como algo plenamente acessível à representação. O mundo apresentado na *Odisseia* é um mundo ordenado, inteligível e narrável, no qual os acontecimentos se encadeiam de forma compreensível. A epopeia

oferece, assim, uma visão de mundo baseada na confiança na razão, na memória e na linguagem como instrumentos de apreensão da experiência.

Essa concepção prepara o terreno para o contraste com o texto bíblico, no qual o tempo, o espaço e a interioridade são organizados segundo princípios radicalmente distintos. Enquanto em Homero predomina a expansão narrativa e a clareza descritiva, na tradição judaico-cristã impõe-se a concentração, a lacuna e o silêncio. É a partir dessa diferença estrutural que Auerbach desenvolverá sua análise comparativa.

3 O SACRIFÍCIO DE ISAAC: SILÊNCIO, FÉ E PROFUNDIDADE NARRATIVA

Ao contrapor o episódio homérico da cicatriz de Ulisses ao relato bíblico do sacrifício de Isaac, Auerbach desloca o foco da clareza narrativa para uma forma de representação marcada pela lacuna, pela sugestão e pela densidade simbólica. O texto do Gênesis, diferentemente da Odisseia, não se organiza em torno da exposição detalhada dos acontecimentos, mas da supressão de informações que obriga o leitor a participar ativamente da construção de sentido.

O episódio, narrado no capítulo 22 do Livro do Gênesis, inicia-se de modo abrupto: “Deus pôs Abraão à prova”. Não há preparação psicológica, contextualização espacial ou explicitação das motivações divinas. A ordem é dada de forma direta, e a resposta de Abraão — “Eis-me aqui” — revela prontidão, submissão e disponibilidade absoluta diante do chamado divino.

Essa economia narrativa produz um efeito de estranhamento. O leitor é confrontado com uma situação extrema sem receber elementos suficientes para compreendê-la plenamente. Onde se encontram as personagens? O que pensam? Como elaboram interiormente a dor e o conflito? Essas perguntas permanecem, em grande parte, sem resposta.

Enquanto Homero ilumina todos os aspectos da ação, o texto bíblico constrói sua força justamente a partir daquilo que não diz. A interioridade de Abraão permanece opaca, inacessível à análise psicológica direta. Sua subjetividade não se manifesta por meio de discursos ou reflexões, mas por atos de obediência.

Auerbach observa que essa forma de narrar produz uma profundidade específica, distinta daquela encontrada na epopeia grega. Trata-se de uma profundidade moral e espiritual, fundada na relação entre o homem e a transcendência. O centro da narrativa não é a aventura humana, mas o vínculo com Deus.

Nesse sentido, o espaço descrito no texto bíblico não é prioritariamente geográfico, mas ético. O lugar para onde Abraão conduz Isaac não se define por coordenadas físicas, mas por sua função simbólica: é o espaço da prova, do sacrifício e da fidelidade. A geografia cede lugar à moralidade.

De modo semelhante, o tempo narrativo é condensado. Os acontecimentos se sucedem rapidamente, sem digressões ou expansões. A caminhada de Abraão e Isaac até o local do sacrifício, por exemplo, é narrada de forma sucinta, quase lacônica, intensificando o peso dramático da situação.

Outro aspecto central é a representação de Deus. Diferentemente dos deuses homéricos, que intervêm diretamente na ação, dialogam com os homens e possuem características antropomórficas, o Deus bíblico não se mostra. Ele se manifesta por meio da palavra, da ordem e da promessa. Sua presença é invisível, mas absoluta.

Essa ausência de forma visível reforça o caráter enigmático da narrativa. Deus está em toda parte, mas não ocupa um lugar determinado no espaço da cena. Ele é, ao mesmo tempo, próximo e inacessível, exigente e silencioso. A relação estabelecida com Abraão é marcada pela assimetria radical entre criador e criatura.

A fé, nesse contexto, não se fundamenta na compreensão racional, mas na confiança incondicional. Abraão não argumenta, não questiona, não negocia. Sua grandeza, segundo a tradição judaico-cristã, reside justamente nessa disposição para obedecer mesmo diante do absurdo aparente da ordem recebida.

Auerbach destaca que essa narrativa não pretende apenas contar uma história, mas afirmar uma verdade. O relato bíblico apresenta-se como portador de uma pretensão de validade absoluta, que ultrapassa o âmbito da ficção ou da lenda. Ele não quer ser apenas verossímil; quer ser verdadeiro.

Essa pretensão de verdade confere ao texto um caráter normativo e doutrinário. As Escrituras não se limitam a representar o mundo; elas orientam a conduta, definem valores e estruturam a visão de realidade de uma comunidade. A narrativa transforma-se, assim, em fundamento ético e religioso.

Ao analisar o sacrifício de Isaac, Auerbach evidencia que a força do texto bíblico não reside na descrição minuciosa, mas na tensão moral implícita, na ambiguidade e no silêncio. É justamente essa economia expressiva que permite ao relato atravessar séculos, mantendo sua potência simbólica e interpretativa.

4 ULISSES E ABRAÃO: LINGUAGEM, ÉTICA E FORMAS DE SUBJETIVIDADE

A comparação entre Ulisses e Abraão, proposta por Auerbach em *A cicatriz de Ulisses*, não se limita a um contraste entre dois personagens pertencentes a tradições distintas. Trata-se, antes, do confronto entre dois modos fundamentais de compreender a existência, a ação humana e a relação com o mundo.

Ulisses é apresentado como herói da inteligência, da experiência e da linguagem. Sua trajetória é marcada pela capacidade de interpretar situações, elaborar estratégias e reinventar-se diante das adversidades. Ele não se submete passivamente ao destino, mas dialoga com ele, negociando com forças humanas e divinas por meio da astúcia, da prudência e do cálculo.

Ao longo da Odisseia, o herói constrói sua identidade por meio da palavra, do disfarce e da simulação. O uso da linguagem como instrumento de sobrevivência manifesta-se, de modo exemplar, no episódio do encontro com Polifemo. Ao identificar-se como “Ninguém”, Ulisses transforma o próprio nome em artifício, produzindo um jogo de sentidos que lhe permite escapar da violência do ciclope. O humor e o equívoco tornam-se, nesse contexto, recursos estratégicos, revelando o caráter inventivo e reflexivo do herói.

De modo semelhante, no episódio das sereias, Ulisses antecipa o risco da sedução e elabora uma estratégia para enfrentá-lo. Ao ordenar que seus companheiros tapem os ouvidos com cera e o amarrarem ao mastro, ele reconhece sua vulnerabilidade diante do desejo e cria mecanismos de controle. Sua racionalidade não consiste na negação da paixão, mas na capacidade de administrá-la.

Esses episódios confirmam Ulisses como figura emblemática da consciência de si. Ele conhece seus limites, avalia riscos e transforma a experiência em aprendizado. Sua força não reside na violência física, mas na inteligência prática, na memória e na capacidade de atribuir sentido às próprias vivências.

Abraão, por sua vez, constrói sua identidade a partir de uma lógica distinta. Ele não negocia com o mundo nem recorre ao artifício. Sua relação fundamental é com Deus, e sua ação é orientada pela obediência e pela fé. Enquanto Ulisses enfrenta os perigos por meio da palavra e do cálculo, Abraão submete-se ao mistério sem mediações.

A ausência de questionamento no episódio do sacrifício de Isaac revela uma concepção de sujeito fundada na submissão à transcendência. Abraão não busca compreender plenamente o sentido da ordem divina; ele a cumpre. Sua grandeza, segundo a tradição bíblica, está na renúncia à própria vontade em favor de um desígnio superior.

Essa diferença repercute diretamente na forma narrativa. A história de Ulisses se constrói pela expansão, pela digressão e pela explicitação dos conflitos. A de Abraão, pela concentração, pela economia e pelo silêncio. Em Homero, a linguagem ilumina; na Bíblia, ela sugere.

Do ponto de vista ético, também se delineiam modelos contrastantes. Ulisses representa uma ética da experiência, baseada na adaptação, na prudência e na inteligência situacional. Abraão encarna uma ética da fidelidade absoluta, fundada na confiança incondicional em Deus.

Esses modelos não se excluem mutuamente, mas constituem matrizes que atravessam a cultura ocidental. Ao longo da história, diferentes formas literárias e filosóficas dialogaram, direta ou indiretamente, com essas duas heranças, combinando, tensionando ou reinterpretando seus valores.

Auerbach demonstra, assim, que a literatura europeia se forma a partir da convivência dessas tradições. A clareza homérica e a profundidade bíblica não são polos isolados, mas forças que se entrelaçam, produzindo formas híbridas de representação da realidade.

5 CONCLUSÃO: MIMESIS, TRADIÇÃO E ATUALIDADE DE AUERBACH

A leitura proposta por Erich Auerbach em *Mimesis* revela que a literatura ocidental se constitui a partir do diálogo permanente entre diferentes formas de representar a realidade. Ao confrontar a *Odisseia*, atribuída a Homero, e o episódio do sacrifício de Isaac, presente na Bíblia Sagrada, o crítico evidencia dois modelos narrativos que, embora distintos, tornaram-se estruturantes da tradição europeia.

De um lado, a epopeia homérica apresenta um mundo plenamente iluminado pela linguagem. As ações, os sentimentos e as motivações das personagens são explicitados, compondo uma narrativa marcada pela clareza, pela continuidade e pela confiança na inteligibilidade da experiência humana. Ulisses emerge, nesse contexto, como figura da racionalidade, da memória e da astúcia, capaz de transformar a palavra, o cálculo e a experiência em instrumentos de sobrevivência.

De outro lado, o texto bíblico organiza-se a partir da economia expressiva, do silêncio e da ambiguidade. A interioridade das personagens não é revelada diretamente, e a relação com o mundo é mediada pela transcendência. Abraão representa uma subjetividade fundada na fé, na obediência e na submissão a um desígnio que ultrapassa a compreensão humana. A narrativa não busca esclarecer, mas interpelar moral e espiritualmente o leitor.

Esses dois modos de representação configuram matrizes fundamentais da cultura ocidental. A clareza homérica e a profundidade bíblica não se excluem, mas se entrelaçam ao longo da história literária, dando origem a formas híbridas, nas quais razão e mistério, experiência e transcendência, descrição e sugestão coexistem em permanente tensão.

Ao analisar essas matrizes, Auerbach demonstra que a literatura não é um simples espelho da realidade, mas um espaço de elaboração simbólica da existência. Cada forma narrativa expressa uma maneira específica de compreender o tempo, o sujeito, a memória e a verdade. A *mimesis*, nesse sentido, não se reduz à imitação, mas constitui um processo histórico de construção de sentido.

A atualidade da reflexão de Auerbach reside justamente nessa compreensão dinâmica da representação. Em um mundo marcado pela multiplicidade de discursos, pela fragmentação das experiências e pela instabilidade das verdades, sua obra convida à retomada crítica das tradições que moldaram nosso modo de narrar e interpretar o real.

Ao colocar Ulisses e Abraão em diálogo, o filólogo evidencia que a literatura ocidental nasce da convivência entre a inteligência que negocia com o mundo e a fé que se entrega ao mistério. Entre o cálculo e a obediência, entre a palavra estratégica e o silêncio reverente, constrói-se um campo de possibilidades no qual a experiência humana é continuamente reelaborada.

Dessa forma, A cicatriz de Ulisses permanece como um ensaio fundador, não apenas por inaugurar um método comparativo rigoroso, mas por revelar que toda narrativa é atravessada por

valores, conflitos e visões de mundo. Ler Homero e a Bíblia à luz de Auerbach é, portanto, refletir sobre as próprias bases culturais que sustentam nossa forma de compreender a literatura e a vida.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, ed. rev. e atualizada no Brasil, 2ªed. São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 193, 309 p.

AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 4ª Ed. 1998 p. 1-20.

BARTHES, Roland Barthes. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland Barthes. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BAUMAN. Zygmunt. *Modernidade Líquida*, Ed. Zahar, 2001.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, trad. Raquel Ramallete Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MENDES, Cleise Furtado. *Drama e desejo: o lugar da catarse na teoria do drama*. (Dissertação). Salvador: Mestrado em Letras e Linguística-UFBA, 1983.

MENDES, Cleise Furtado. *A Gargalhada de Ulisses: a catarse na comédia*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *Os dois princípios da narrativa*. In: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.